



**Diário Económico**  
E+ Fim-de-Semana

26-06-2015

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Economia/Neócios

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 18714

**Temática:** Economia

**Dimensão:** 5431

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/4 a 7

Económico

**GOLFE**

Os bastidores do primeiro torneio organizado pelo Económico

**TECNOLOGIA**

Conheça uma nova tecnologia de topo chamada OLED

**E+**

**Fim-de-Semana**

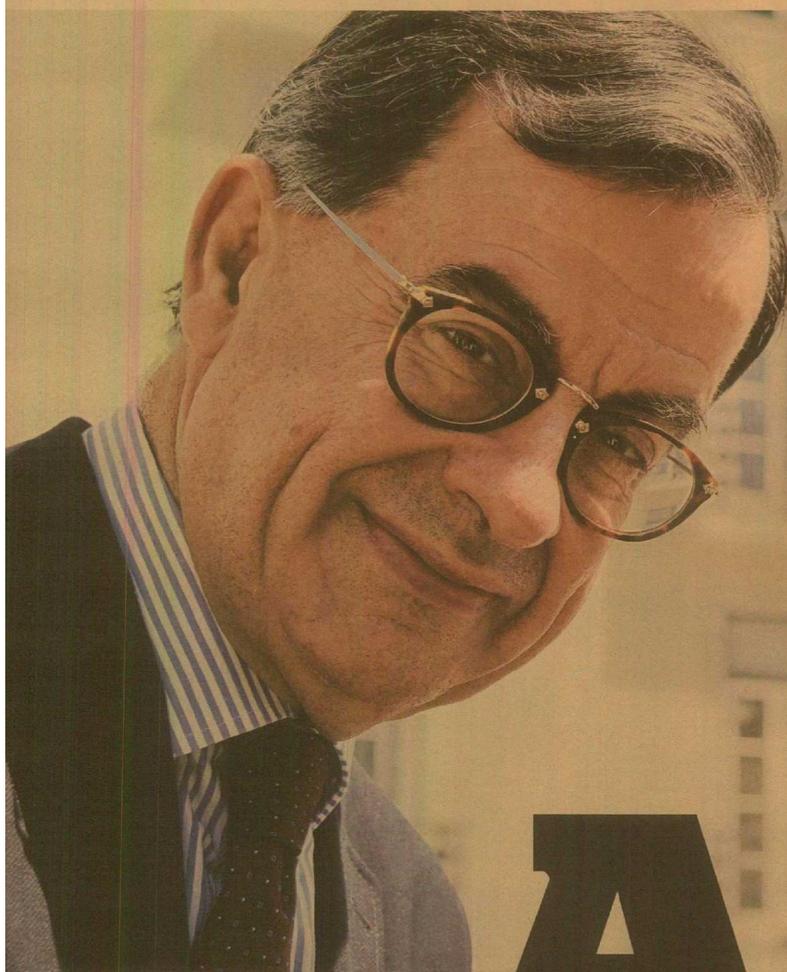
Este suplemento faz parte integrante do Diário Económico N.º 6202 e não pode ser vendido separadamente | 26 Junho 2015

**“O favor ainda é algo influente em Portugal”**

Presidente do Tribunal de Contas, Guilherme d'Oliveira Martins é também líder do Conselho de Prevenção da Corrupção. E defende que é necessário “combater a indiferença” para não dar lugar “aos mediocres e aos corruptos”.

CONVERSAS COM VIDA Por Marta Rangel

# “Ninguém sozinho tem a solução para o futuro do País”



Entrou na vida política à direita e, pouco tempo depois, virou à esquerda, mas garante: “A coerência manteve-se.” Atualmente, Guilherme d'Oliveira Martins é presidente do Tribunal de Contas, do Centro Nacional de Cultura e do Conselho de Prevenção da Corrupção e não tem dúvidas em afirmar que “o favor ainda é algo de influente” em Portugal.

Fotografias de Paula Nunes

# A

parentemente sisudo, não se compromete, mas vai deixando recados nas entrelinhas. Defende que é preciso combater a indiferença para não dar lugar “aos mediocres e corruptos” e considera que o programa de ajuda externa foi “inevitável”, mas podia ter sido executado de outra maneira. Sem querer entrar “no debate político-partidário estrito”, Guilherme d'Oliveira Martins aponta um caminho: “Ninguém sozinho tem a solução para o futuro do País.”

Começou a sua vida política à direita, como militante da JSD, mas acabou por alinhar

mais à esquerda. Como foi esse percurso?

A coerência manteve-se. Se ler os meus textos dos anos 70 sobre o pensamento social-democrata, vai verificar que há uma grande coerência em relação ao que eu pensava e hoje ainda penso. Mas só quem não pensa não muda de ideias. A política é uma actividade muito nobre, uma vez que a indiferença é algo muito perigoso. Os cidadãos, se forem indiferentes, dão lugar aos mediocres e aos corruptos que vão ocupar os lugares de quem pretendem fundamentar a sua posição política garantindo a defesa e salvaguarda do bem comum.

Sente que a sociedade portuguesa está mais indiferente?

Sinto que tem respondido bem à crise. Costumo dizer que o Estado deve estar à altura daquilo que a sociedade tem dado. Nos últimos anos, as famílias portuguesas duplicaram as suas poupanças e fizeram-no em condições adversas, pois o seu rendimento disponível reduziu-se. Isto é importante porque, se nos prevenirmos com recursos disponíveis para investir, podemos estar a contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

O Estado tem sabido estar à altura desse comportamento dos cidadãos portugueses?

Falo na minha qualidade de presidente do Tribu-

“  
Soares,  
Sá Carneiro  
e Sousa Franco  
são referências  
cívicas com  
um percurso  
que merece  
o nosso respeito

nal de Contas que, em permanência, faz uma avaliação de como as coisas funcionam. Temos recomendado, assinalado as questões que estão menos bem, sancionamos quem comete infracções e sublinhamos uma preocupação: não podemos cair numa espécie de fatalismo do atraso. A História portuguesa diz que, em nove séculos, os momentos de provação e dificuldade tiveram respostas positivas. Uma vez pediram a Alexandre Herculano que enumerasse as razões para Portugal existir e não existir. E respondeu: talvez haja mais razões para não existirmos, mas somos porque queremos, seremos enquanto quisermos. Há essa determinação, pelo que a indiferença tem de ser combatida, mobilizando e atraindo os melhores para a vida cívica e política.

#### Como é que isso se faz?

Dignificando-as, praticando uma real transparência que não se confunde com 'voyeurismo'. A transparência não é espreitar pelo buraco da fechadura, mas ter a informação sobre o que é do interesse geral. Há questões que têm a ver com a vida particular de cada um e essa protecção é indispensável. Uma vida cívica sã separa aquilo que é do interesse geral daquilo que é a privacidade.

#### Sigilo fiscal ou dívidas à Segurança Social são da privacidade ou do interesse público?

Estão na fronteira. Devemos distinguir aquilo que é do interesse geral e aquilo que é do puramente particular. Refiro o caso do branqueamento de capitais ou das fraudes fiscais – são do interesse geral, não pode haver segredo. As instituições bancárias e os instrumentos jurídicos de que dispomos apontam muito claramente para que tudo aquilo que possa afectar a sociedade não pode ser retirado da informação ou estar fora da transparência. Questão diferente é o domínio da privacidade pura de cada um que deve ser protegida.

#### Sá Carneiro e Sousa Franco são duas grandes referências para si na política?

Sim. Mário Soares, Francisco Sá Carneiro, António Sousa Franco são referências cívicas com um percurso que merece o nosso respeito e está ao nível daquilo que de mais importante existe na sociedade democrática portuguesa.

#### Enquanto secretário de Estado e ministro no governo de António Guterres, quais foram as principais dificuldades que sentiu?

Tive condições muito importantes, pois, sendo secretário de Estado de um ministro de quem sou grande amigo, Marçal Grilo, e tendo feito toda a minha vida académica como assistente e colaborador muito próximo de Sousa Franco, que era ministro das Finanças, contei sempre com grande capacidade de compreensão dele sobre a prioridade para a educação. A generalização da educação pré-escolar, a partir de 1995, teve um efeito extraordinário e pela maneira como foi feita – através da complementaridade entre o Estado e a iniciativa social com importância crucial das instituições particulares de solidariedade social; a proximidade face às famílias e à sociedade. O Estado é muito importante como catalisador, mas não pode ocupar o lugar da sociedade. O futuro do Estado social vai corresponder à partilha entre o Estado, a sociedade e o mercado, mas não é substituir o Estado pelo mercado, é garantir que haja cada vez mais iniciativa da própria sociedade.

#### O Estado social deve ser reformado?

Sim, de modo a que o centralismo e a burocratização deem lugar a mais iniciativa da sociedade.

#### Tem saudades da política?

A política nunca pode estar fora de nós. Sou independente, estou no exercício de uma função que é de serviço público, em obediência ao princípio da separação de poderes.



#### Mas sente que também faz política como presidente do Tribunal de Contas?

O cidadão nunca deixa de fazer política no sentido de tratar do bem da cidade como na 'polis' de etimologia grega. A política é tudo isto: partidária, nos órgãos de soberania, no Estado, no serviço público e, por isso, não sou indiferente à vida política.

#### Se o convidassem para ser ministro num próximo governo...

Não estou já nessa fase.

#### E para a presidência da República? O seu nome tem sido apontado por algumas pessoas do PS...

É um tema que, como titular de um órgão de soberania, também não vou abordar.

#### Mas imaginava-se a aceitar um desafio dessa natureza?

Neste momento, não.

#### Enquanto figura do Estado, o presidente da República deve ser mais interventivo?

O perfil do presidente da República como está definido na Constituição é adequado.

#### É também presidente do Conselho de Prevenção da Corrupção: Portugal ainda é um país de cunhas e de favores?

É um país que me preocupa nesse domínio. É indispensável perceber que há, na sociedade portuguesa, a ideia de que o favor ainda é algo de influente, mas temos de entender também aquilo que o Eurobarómetro nos diz – em Portugal, apenas 1% das pessoas consideram que tiveram contacto directo ou indirecto com o fenómeno da corrupção, o que representa um terço a um quarto da média europeia. E esse é o elemento mais preocupante desse inquérito, pois grande parte dos cidadãos não tem consciência de que está paredes-meias com o fenómeno da corrupção.

#### Está enraizada na sociedade portuguesa?

A sociedade portuguesa não é diferente de outras. É verdade que, com o mal dos outros podemos nós bem, mas há países com níveis de percepção mais elevados do que os nossos, pelo que não entro nessa discussão.

#### Disse numa entrevista que a liberdade não é um dado adquirido: temos perdido liber-

“ Grande parte dos cidadãos não tem consciência de que está paredes-meias com o fenómeno da corrupção

Os cidadãos, se forem indiferentes, dão lugar aos mediocres e aos corruptos

#### dade sobretudo através do programa de ajuda externa?

Esse programa foi inevitável. O resultado é que nos libertámos desse programa e isso é o mais importante.

#### E a execução podia ter sido de outra maneira?

Podia. A esse respeito aconselho que sejam lidos os relatórios do Tribunal de Contas que todos os anos acompanhou a aplicação, assinalando o que correu bem e menos bem. O que correu bem? O facto de, como a Irlanda, termos saído do resgate e, neste momento, precisamos de tirar as devidas lições para não correr o risco de voltar a cair numa situação destas.

#### Que lições são essas?

Em primeiro lugar, um grande rigor em relação às finanças públicas e ainda o cumprimento da sua verdadeira regra de ouro: só devemos contratar empréstimos para realizar despesas de investimento reprodutivas e criadoras de emprego. Mas só cumprimos esta regra de ouro se formos inovadores, criativos e capazes de criar riqueza, pois não podemos distribuí-la sem a criarmos. Mas é um trabalho de todos, não deste ou daquele governo, desta ou daquela legislação, é um trabalho do Estado, da sociedade e do mercado.

#### Também disse que uma das lições a retirar da crise é que “não se resolvem problemas a atirar-lhes com dinheiro para cima”: é essa ideia que a coligação está a lançar sobre as propostas do PS?

Não vou entrar no debate político-partidário estrito, mas numa perspectiva positiva: ninguém sozinho tem a solução para o futuro do País.

#### São necessários compromissos?

Sim, em relação àquilo que é essencial, durável e vai corresponder ao médio e longo prazos. Depois há a distinção política do dia-a-dia, os programas que devem ser claros para as pessoas terem a possibilidade de escolher em liberdade, no fundo, a superioridade da sociedade democrática. Não é dizer que tudo é objecto de compromisso – deixo três exemplos: educação e ciência; saúde; estruturação do Estado, que não pode alienar aquilo que há de melhor. Não podemos criar condições de sangria dos melhores valores todos os dias.

#### Mas é isso que tem sucedido...

Não pode acontecer e não é de agora, tem de parar.

#### O que é preciso para que as principais forças políticas assumam um compromisso para a reforma do Estado, Segurança Social, domínio fiscal?

É fundamental que as coisas se coloquem nos justos termos, distinguindo-se aquilo que é durável e, em simultâneo, é indispensável que haja clareza em relação aos programas políticos para a escolha das pessoas em consciência. Há espaços de compromisso e de diferenciação, democracia é isto.

#### E tem havido esses compromissos?

Neste momento estamos em vésperas de eleições e estou optimista, pois os cidadãos vão ser colocados perante as opções e escolher em liberdade.

#### Quando se diz optimista isso significa o quê?

Acredito nas forças da sociedade e na capacidade desta para responder aos desafios que lhe são colocados.

#### Por que razão diz que disciplina e austeridade são coisas diferentes?

Associo a disciplina a algo de permanente e à sobriedade. A austeridade, tal como foi associada aos programas de resgate e ajustamento, corresponde a medidas excepcionais que devem ser interiorizadas enquanto sobriedade.

HD  
E+ tv

Conversas com Vida, hoje, 22h00  
Veja a entrevista com o presidente do Tribunal de Contas, Guilherme d'Oliveira Martins.

# “Os colegas do Governo mostram-me caricaturas que fiz deles”

Chega em passos largos. Uma figura imponente, que imporia respeito, no mínimo, pelo cargo que ocupa. Ao primeiro contacto, faz um sorriso e lança uma piada sobre o gosto pelas caricaturas. No colo, um caderno - o número 79 desta série. Guilherme d'Oliveira Martins poderia ser o “homem dos sete ofícios” - tantas são as funções que acumula. Ainda assim, sobra-lhe tempo para viver: a melhor viagem é sempre a próxima, as colecções de Banda Desenhada são para partilhar com os filhos e, com os netos, faz jornais com sabor da própria infância.

**C**hama-se Guilherme por causa do bisavô, um médico que marcou várias gerações. A tradição já tinha começado e continuou: nele, no filho mais velho e num dos netos. As raízes da família chegam ao Império Romano, mas a que o educou está bem próxima: nos gestos, nos gostos, no coração. Emociona-se quando fala na mãe, acredita que as casas têm alma e, apesar da educação católica, a curiosidade - e as viagens - levaram-no a descobrir o vudu e o candomblé entre África e o Brasil. Só quem não o conhece poderia achá-lo demasiado conservador.

## Nasceu numa biblioteca...

Nasci numa biblioteca, na casa do meu avô, em Lisboa. Apressei-me no momento do nascimento e a minha mãe teve-me num lugar um pouco improvisado.

## O que é que o seu avô lhe ensinou que guarda até hoje?

Tudo. O exemplo e, sobretudo, uma capacidade extraordinária de interrogação e de curiosidade. O meu avô, professor de História e Geografia, era casado com uma brasileira, que tinha também uma capacidade extraordinária para contar histórias e aventuras do Brasil, do estado do Paraná. São os meus avós paternos. E, do lado dos maternos, havia uma grande ligação à terra. Eram do Algarve e, todos os anos, passávamos uns meses na quinta dos nossos avós. Tínhamos essas duas referências: a urbana, da cultura, e a rural, da cultura popular.

## O seu avô dizia que “para entender a vida, era preciso conhecer os lugares e os mapas”. Como assim?

Lembro-me de ter uma curiosidade extraordinária pelos mapas. O meu neto Pedro tem exactamente a mesma paixão: mostrar que a relação com o território, com as terras, é extraordinariamente importante.

## As casas têm alma?

As casas têm alma, sobretudo, às várias casas onde fui vivendo. Um grande amigo, Alberto Vaz da Silva, quando mudei de casa para onde era a casa do meu avô, ficou com dúvidas. Mas,

quando lhe disse que ia mudar para a casa do meu avô, que ele conhecia muito bem, disse ‘então, não há problema porque a alma dessa casa é uma boa alma’.

## Como se conquista o próprio espaço numa casa com tanta alma?

Para conquistar o espaço é necessário, sobretudo, ter vida. E relação. Porque a relação fundamental é a que temos com os outros. Os outros são a outra metade de nós mesmos.

## Como era o Algarve da sua infância?

Era um Algarve que ainda existe. O Algarve, que ficou um bocadinho estragado com o ‘boom’ turístico, é o Algarve do litoral. O meu Algarve era o Algarve da transição para o barrocal e para a serra. A quinta dos meus avós é em Boliqueime e felizmente está bastante preservada.

## A sua mãe era uma referência de elegância?

A minha mãe era uma referência fantástica. Digo isso não na qualidade de filho, mas porque encontro muitos testemunhos que conheceram a minha mãe ao longo da vida e referem-na como modelo de pessoa e uma educadora extraordinária. Em casa, a minha mãe dedicava-se mais à parte científica e matemática e o meu pai à parte das letras e humanidades. Foi alguém que nos marcou profundamente.

## Do que sente mais saudades dela?

Da sua presença. E dos conselhos.

“**A relação fundamental é a que temos com os outros que são, no fundo, a outra metade de nós mesmos**”

Na foto do Grupo “Fernando Pessoa”, tirada em 1962, no Rio de Janeiro, estão Manuel Bandeira, Manuela de Freitas, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Glória de Matos, João d’Ávila, Isabel Ruth, Cecília Meireles, César Augusto e Norberto Barroca (em cima); durante o diálogo teve sobre os joelhos o caderno onde anota “temas fundamentais no dia-a-dia” (em baixo).



## Tanto na sua mãe como no seu pai havia uma componente artística...

Sim. O meu pai, felizmente, ainda está vivo. É um exímio desenhador, um artista de fim-de-semana. Nunca seguiu profissionalmente a via artística, mas deixou os genes: uma das minhas filhas é artista plástica.

## No seu caso, também recebeu os genes com o talento para fazer caricaturas...

A caricatura é um ‘hobby’ muito marginal. Tenho estudado ilustração, tenho uma colecção razoável de ilustrações e bandas desenhadas, que partilho com o meu filho mais velho, mas nunca fiz mais do que uns bonecos por entretenimento.

## Quem costuma caricaturar?

Toda a gente. Os colegas do Governo, muitas vezes, mostram-me caricaturas que fiz deles. Às vezes, gosto de registar um episódio mais engraçado.

## Porquê o gosto pela Banda Desenhada?

Vem um pouco do contacto com os humoristas do movimento modernista. Por exemplo, Almada Negreiros. Os caricaturistas tiveram uma importância muito grande. E, desde muito cedo, assinávamos a revista do Tintim belga para podermos exercitar o francês que foi a nossa pri-





meira língua estrangeira. Também recebíamos, todos os sábados, com grande entusiasmo, o "Cavaleiro Andante", para ver os continuados. A minha geração dava uma grande importância aos continuados porque são algo que vem do Cinema e a Banda Desenhada, designadamente, nos cortes. Era preciso cortar no continuado para manter o 'suspense' em relação à semana seguinte.

#### Quantos cadernos desses já tem?

Desta série, este é o número 79.

#### E o que regista nesses cadernos?

Tudo. É uma agenda onde, todos os dias, registo os temas fundamentais. Para mim, os cadernos têm uma vantagem: não perco os papéis. A organização em pastas é muito interessante, fica muito arrumado, mas, para encontrar, é uma tragédia.

#### Estava no 5º ano de Direito quando foi o 25 de Abril de 1974. Como soube que estava a acontecer uma Revolução?

Havia a informação de ter ocorrido o 16 de Março. Às sete da manhã, quando ia levantar-me para ir à Universidade, ouvi as primeiras informações e fiquei atento ao que se passava. Desde o início, estive convencido que era o

Movimento das Forças Armadas e não um golpe à direita que estava a acontecer.

#### O que esperou que acontecesse a partir daí?

A democracia e a liberdade. É preciso ver que um aluno da Universidade, nessa altura, já vivia um ambiente que era, naturalmente, limitado, mas também com uma grande liberdade no que se refere à relação entre os jovens. Estamos numa casa que foi particularmente importante – o Centro Nacional de Cultura – no que se refere à preparação da liberdade: foi a sede clandestina da Comissão de Apoio aos Presos Políticos. A sala onde nos encontramos e as estantes são da livraria "Morais" do escritor António Alçada Baptista e a revista "O Tempo e o Modo" foi a mais afectada pela censura.

#### Costuma dizer que nunca sentiu necessidade de se revoltar. Porquê? Tinha liberdade em casa?

O nosso ambiente em casa era de grande abertura. O meu avô Francisco era anglófilo. A nossa família foi marcada pela Guerra Civil entre D. Pedro e D. Miguel que dividiu os filhos morgados e os filhos segundos. O meu quarto avô, que foi ministro do Reino, em 1823, era filho segundo e liberal, mas também havia a parte da

**“  
Karl Popper  
disse-me algo  
que nunca  
esquecerei:  
não sabemos  
o suficiente para  
ser intolerantes**

família que defendia a perspectiva legitimista de D. Miguel. Houve sempre na nossa família a coexistência de várias sensibilidades. O meu avô era partidário dos Aliados, de uma lógica de abertura e liberdade. E havia outra parte germanófila que tinha um entendimento mais fechado, mais conservador. Pelo facto de uma parte significativa dos meus antepassados ter exercido responsabilidade no Estado, nos Governos, isso significava que a participação cívica e política era extraordinariamente importante.

#### Já fez a viagem da sua vida?

A viagem da minha vida é sempre a próxima. Estamos a preparar a viagem à Tailândia e Birmânia ao encontro dos portugueses. As viagens deste ciclo são sempre em busca da presença dos portugueses no mundo. Não há lugar, não há continente, que não tenha portugueses. Há uns anos, quando fizemos a viagem à Rússia, as pessoas perguntavam: 'O que é que a Rússia tem a ver com os portugueses?'. E no regresso disseram: 'Não há dúvida que os portugueses estão em todo o lado.' Assim que chegámos a S. Petersburgo, vimos que o primeiro prefeito da cidade, escolhido pelo Czar Pedro, o Grande, foi António de Vieira, um português cuja biografia já está publicada.

#### Nas viagens que fez, já visitou uma tribo que praticava vudu e foi, depois, investigar como se reflectiu no candomblé do Brasil...

Fomos ao Benim e ao Togo para ver as origens do vudu nas suas repercussões brasileiras. Temos uma ideia do vudu um bocadinho violento que encontramos nas Caraíbas, mas ele é tanto mais violento quanto os escravos que levaram essas práticas eram violentados. O vudu passa para o Brasil, designadamente para Salvador, para a Bahia, de uma forma muito interessante. Fomos à Casa Branca, onde presenciámos uma cerimónia do candomblé e verificámos que havia uma grande proximidade face ao que havíamos encontrado no Togo. A única diferença é que, na Bahia, víamos sobretudo pessoas a serem possuídas por aquela energia, mas, no Togo, também vimos os animais.

#### Como se cruzam essas práticas com a sua fé católica?

A questão da fé relaciona-se sempre com a razão e também com a compreensão do outro, da diversidade.

#### Mas a minha questão é mais sobre o seu lado pessoal: tem fé?

Com certeza que sim. O que estou a dizer é: para mim, o fenómeno religioso não é de fechamento, é de abertura, de compreensão, de respeito mútuo.

#### Tem um entendimento aberto da religião?

Um entendimento aberto em relação à própria vida. Conheci em pessoa Karl Popper e disse-me algo que nunca esquecerei: não sabemos o suficiente para ser intolerantes.

#### É um homem sempre comedido?

Procuro ser.

#### O que o faz exceder-se?

Hoje em dia tenho dificuldade em deixar-me controlar. Procuro ser tolerante, compreender o que está do outro lado, mas sou muito exigente e, muitas vezes, fico angustiado por as coisas não estarem a correr tão bem como desejava.

#### Mas tem sentido de humor e gosta de contar anedotas?

Isso sempre! O sentido de humor é muito importante para compreendermos a vida e a relação com os outros.